

POESIA FOTOPERFORMADA: O CORPO FEMININO NA OBRA SANGRÍA

TAÍS CHAVES PRESTES¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²

¹Universidade Federal de Pelotas – taischavesprestes@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como intuito explorar e realizar a análise visual do trabalho de fotoperformance contido no livro de poemas intitulado *Sangría* (2017) da atriz, slammer e poeta paulista Luíza Romão. A obra, de grande impacto visual, escrita em português e espanhol conta sobre a invasão do Brasil através da perspectiva de um útero e conecta as imagens aos 28 poemas que narram a dominação patriarcal deste país articulado ao ciclo menstrual feminino.

Ao reunir literatura e a fotoperformance, a pesquisa tem como problemática: como é possível o corpo feminino fotoperformado ser compreendido enquanto poesia na contemporaneidade? Desta maneira, foram elencadas duas (02) fotos contidas na obra que auxiliam no desdobramento e aprofundamento das análises, a fim de chegar a possíveis considerações em relação a questão impulsionadora.

Para tanto, serão utilizados para dialogar com a obra *Sangría* (2017) autores como SAMOYAULT (2008) considerando a metodologia elencada com foco na intertextualidade, articulada aos nomes próprios das esferas da fotografia como BARTHES (1984) e da fotoperformance tais como ROMANINI (2018) e ANGELI et al. (2021) aperfeiçoando a análise estética do corpo fotoperformado.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento dessa pesquisa pretende-se empregar a metodologia bibliográfica na perspectiva dos estudos da intertextualidade, inseridos na Literatura Comparada. O termo cunhado pela pesquisadora russa Julia Kristeva elucida e dinamiza a relação entre textos, legitimando a intersecção, inclusive quando em distintas materialidades, passando por diferentes esferas do conhecimento. Para tanto, conforme o que esclarece a estudiosa Tiphaine Samoyault em relação à intertextualidade:

Ela exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras cujo trabalho faz reaparecer o intertexto. Ela mostra assim sua capacidade de se constituir em suma ou em biblioteca e de sugerir o imaginário que ela própria tem de si (SAMOYAULT, 2008, pg.43).

Dessa maneira, a interação dos textos resgata também a memória quando movimenta elementos entre obras, retomando marcas do texto primeiro, mesclando-as com o texto segundo, no presente caso poesia e fotoperformance. Assim sendo, tal suporte serve para estabelecer diálogo e consistência entre a linguagem poética e a linguagem fotoperformática, propriamente ditas, colaborando com a análise proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Escrever é, pois reescrever... Repousar nos fundamentos existentes e contribuir para uma criação continuada” (Samoyault, 2008, pg.75)

Esta pesquisa, ainda em estágio inicial, configura-se como parte da minha investigação de doutoramento pelo PPGLetras UFPel. Ao todo a obra *Sangría* (2017) escrita pela poeta Luíza Romão, é composta por 35 fotos feitas pelo fotógrafo Sérgio Silva e acompanhada por 28 poemas que narram a história da invasão do Brasil sob a perspectiva de um útero, em 28 dias de um ciclo menstrual. Luíza costurou e aplicou, sobre as fotos já impressas, com linha vermelha metais de toda sorte (correntes, parafusos, objetos cortantes, agulhas, dobradiças, etc) ressignificando as partes do corpo feminino. Assim, exibiu uma interferência proposital ao transpassar e bordar as imagens, recrutando a força de mulheres bordadeiras e artesãs, já que, a presença da força feminina e do sangue perpassam grande parte dos poemas na integração artística.

Para esta escrita foram elencadas duas fotoperformances contidas no livro para análise, focalizando no papel da intertextualidade, juntamente com os estudos de fotoperformance e versos dos poemas, a fim de sanar possíveis lacunas entre as áreas de estudo, bem como a questão norteadora: como é possível o corpo feminino fotoperformado ser compreendido enquanto poesia na contemporaneidade?



Figura 1: Sangría (pg.56)



Figura 2: Sangría (pg.96)

Perceber as poéticas que perpassam as linguagens e ressignificam os fizes dos textos com materialidades distintas apresentam possibilidades instigantes quando intencionalmente interseccionados, como no caso de *Sangría* (2017). Segundo o que expõe a pesquisadora Thiphaine Samoyault: a intertextualidade deve ser compreendida antes de tudo como uma prática do sistema e da multiplicidade dos textos (SAMOYAULT, 2008, pg.43), dessa maneira a capacidade interpretativa e de estabelecer relações se amplia na fusão apresentada na obra, por exemplo, oportunizando ainda, uma ideia de continuidade a criação. Para tal continuidade, ao fazer uma utilização bastante arrojada da fotografia nas décadas de 50 e 60 os artistas, sobretudo no campo da *performance*, começam a ganhar seu espaço e legitimar um vocabulário próprio. A fim de compreender a colaboração da fotografia, a fala do estudioso Barthes elucida: Em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa (BARTHES, 1984, p.57),

dessa maneira ela vem para problematizar a capacidade de leitura do espectador, falando o que não foi dito por palavras, no fundo a fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa (BARTHES, 1984, pg.62). Dialogando com a ideia de fazer refletir e complexificar um novo olhar voltado à arte, a linguagem da fotoperformance se consolida anos mais tarde. Para tanto a articulação fotorperformática, na obra elencada, auxilia o verso tornando o trabalho de Romão ainda mais tenaz e poético. Assim sendo: Pela fotoperformance, um outro campo de investigação abre-se ao ator-performer (ROMANINI, pg.99), permitindo um sequencimento criativo, segundo o que os pesquisadores elucidam:

Na fotoperformance, a ação performática é realizada diante da câmera, dispondo-se de uma dramaturgia previamente planejada, mas sujeita às alterações. No entanto, a relação que o público estabelece com a obra se dá através da imagem fotográfica materializada, ou seja, a performance chega ao público mediada por um dispositivo tecnológico (Angeli; Lemos; Rocco, p.124)

Dessa maneira, enquanto suporte artístico, o ato de estar diante da câmera para captar uma ação, passa a formar também um posicionamento social como forma de ser e estar no mundo. A exemplo, a Figura 1, um recorte do umbigo que remete o formato de uma vagina, pelo limite das mãos e contornos da costura, temos os versos que entrecruzam à proposta da imagem: Um homem cordial me levou à cama/ não queria foder nem trepar/ só a esterilidade de uma cópula (ROMÃO, pg.56). As linhas que citam um movimento incapaz de multiplicidade e de reprodução são acompanhadas por uma parte do corpo que ilude sobre a aptidão de gerar, inquietando possibilidades interpretativas. Vemos assim um movimento bastante forte da proposta intertextual a qual “permite associar duas componentes essenciais da intertextualidade que são a transformação e a relação” (SAMO-YAULT, 2008, pg.143). Já na Figura 2, uma língua exposta em uma boca aberta na sua capacidade máxima, é contemplada com os versos: desde o começo foi uma questão de grafia/como se a língua/ my motherland is my tongue/ não supor-tasse a inversão vocálica/ after all como deixar uma mulher comandar o país se “presidentA” não existe? (ROMÃO, pg.96). Os versos fazem alusão ao golpe sofrido pela então presidente Dilma Rousseff em 2016 mostrando mais uma mulher agredida no território brasileiro, a imagem subverte o que se espera de uma boca “livre”, ali uma mulher é incapacitada de dialogar, fluir, não há empatia, nem soltura, mas sim obstrução e amarras por todos os lados do poético na ação, não há palavra que possa ser o que se é.

Finalmente nesta imbricação entre corpo, fotoperformance e poesia, vemos na intertextualidade a potência no estado de presença da arte. A ação intencional de registro do corpo que é colocado enquanto manifestação política e disposto enquanto um corpo texto evidencia a robustez de um trabalho intertextual como é a obra *Sangría* (2017). As linhas vermelhas que formam os contornos e traçam os caminhos, abrem passagem para as entrelinhas e novos vieses interpretativos no livro, colaborando para novos encadeamentos, dando seguimento ao referencial. A artista tem as fotos como discurso de um corpo em movimento. O momento de concepção da fotografia é transitório como qualquer momento efêmero na arte, porém a criação poética permanece em dramaturgia- poesia densa- ação pretendida.

4. CONCLUSÕES

A capacidade de criação e aprofundamento da pesquisa interpretativa e estética oferecida com base na intertextualidade baseada em Samoyault (2008) mostrou evidenciar o aumento de possibilidades, além de construir limiares maleáveis e flexíveis. A relação de câmbio entre os elementos intertextuais ressignifica rotas possíveis e tende a dilatar o capital cultural tanto do investigador quanto do leitor, desacomodando compreensões hegemônicas.

A fotoperformance que veio como aparato discursivo, auxiliando no questionamento que impulsiona esta investigação: Como é possível o corpo feminino fotoperformado ser compreendido enquanto poesia na contemporaneidade? Parece cumprir com os objetivos propostos inicialmente de explorar e realizar a análise visual da fotoperformance da obra percebendo que a multiplicidade textual daquele corpo feminino capturado em linhas de papel e linhas artesanais vai além de subsídios materiais, legitimando a capacidade de expansão da obra. Além disso, os elementos adicionados posteriormente nas fotografias pela própria artista, performaram conjuntamente ao corpo pontuando a fala historicamente trazida, reivindicando e resistindo, formando uma continuidade na narrativa. Assim sendo, a poesia de Romão que veio acompanhada desse hibridismo, forma a sua poética e sua maneira de se expressar, mostrando viabilidades multifacetadas do corpo em seu devir poesia por meio da fototoperformance.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELI, D; LEMOS, J; ROCCO, M. **A presentificação do performer na fotoperformance.** IAÇÁ: *Artes da Cena*, AP, v.IV, n°1, 2021.
- BARTHES, R. **A câmara clara:** Nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROMANINI, M. **Tentativas de capturar o sensível:** a fotoperformance e as artes presenciais. **Conceição | Concept.**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 92–101, 2018.
- ROMÃO, L. S. **Sangría.** 1^a ed.- São Paulo: Edição do autor: Selo do Burro, 2017.
- SAMOYAULT, T. **A INTERTEXTUALIDADE.** Editora Hucitec, São Paulo, 2008.